Ano II Lisboa, 5 de Outubro de 1927 N.º 95

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Director literario: PAPIM
Director artistico: PAPUSSE

PATINAGEM

DESENHO DE EDUARDO MALTA

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

Zumba que zumba!... zunindo,
Zumbindo,
Zézinho garboso,
Airoso,
Vaidoso,
Deslisa com gozo:
— Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!...

Num vago e impreciso
Sorriso,
No liso
Mosaico cinzento, tão liso,
— (Lisinho)) —
Deslisa orgulhoso,
Com gozo,
Zézinho: —
— Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!...

Zumba, que zumba, que zumba...
Zombando
Dos outros rapazes
Zaranzas,
Qué são incapazes
De zig-zaguearem
E rodopiarem
Como êle, ágilzinho:
— Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!...

Airoso,
Vaidoso,
Deslisa, com gozo,
Zézinho!

OS SETE CASTELOS

POR MARIA ROSA RÉSÉDÁ

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

QUE linda era a pastorinha Micaela! Os cabelos ondulados e sedosos, doirados como o sol, faziam um contraste singular e encantador com os olhos negros, aveludados, maravilhosamente belos, sombreados por longas pestanas. A cútis, de um branco mate, era animada nas faces por duas rosas vermelhas; a boca fazia lembrar um moranguito apetitoso; e, quando entreabria os lábios delgados, mostrava uma enfiada de pérolas, de uma alvura e brilho extraordinários.

Numa linda poesia, intitulada «Alminha», da autoría de um ilustre poeta que os meninos e eu conhecemos muito bem, diz êle que, dentro de cada um de nós, vive uma formosa àvezinha, que tem o nome de Alminha.

Ora, por êsse mundo fóra, existem, infelizmente, muitos meninos e homens, que fazem sempre tantas maldades, tantas, (e, como sabeis, cada maldade é um pecado,) que a avezinha — Alminha, de branca e linda que é, torna-se negra como o carvão e feia como Belzebuth (sabeis quem é Belzebuth, não é verdade?) Dos olhinhos meigos do Menino-Deus, brotam, então, lágrimas de dôr e amargura ao ver tão negra e suja de pecados a avezinha que, com tanto amôr e alegria, colocou em cada um de nós. Felizmente, a pastorinha Micaela, não pertencia a êsse número.

A avezinha que dentro dela vivia conservara-se sempre branca como a neve, pura como o lírio e límpida como o cristal. Era tão infeliz a pastorinha Micaela! O dono do rebanho que apascentava era riquíssimo, mas duma avareza nunca vista e cruel como poucos.

Se Michaela chegava um pouco mais tarde com o rebanho, em vez da ceia, esperava-a uma valente sova, que a prostrava no leito durante muitos dias, e, segundo dizia a mulher do patrão, pior ainda do que o marido, como ela não

se levantava por mandrice e que «corpo deitado aguenta muita fome», não lhe davam de comer, para a obrigar a levantar-se. Mas,... dirão os meninos, se a tratavam tão mal, porque não fugia ela de casa? A pastorinha havia pensado nisso muitas vezes, mas, assim tão pobrezinha, sem dinheiro nenhum, para onde havia ela de fugir? Depois, o patrão era muito poderoso e Micaela tinha a certeza de que seria logo apanhada, e, se até agora sofria tratos de pole, o que seria depois?... Micaela não conhecera os pais; desde pequenina vivia naquela casa—por caridade, diziam os patrões, pois o pai, à hora da morte, pedira-lhes que tomassem conta da filhinha, que ficava ao desamparo, e êles, compadecidos, aceitaram o encargo de que bastantes vezes se tinham arrependido, pois ela não passava de uma mandraça, de uma ingrata, que só os apoquentava. Pobre Michaela!

O seu bondoso coração, ávido de afeições, sofria atrozmente, ouvindo aquelas injustas acusações, ela, que trabalhava mais de que um animal de carga, desde o nascer ao pôr do sol. Se lhe pagassem com um pouco de carinho, ficaria satisfeita, mas, ai, a recompensa que lhe davam era espancá-la amiudadamente...

A pastorinha, como era muito boa, lá ia sofrendo tudo com resignação e paciencia, mas, ás vezes, o que era muito natural, o desespero invadia-a ao pensar que a sua vida decorreria sempre assim.

Numa linda tarde de primavera, Micaela, mais desanimada do que nunca, depois de se certificar que as ovelhinhas andavam muito sossegadas a pastar, afastou-se um pouco do local, e, como naquêle dia não almoçára, pôz-se á procura de morangos para entreter a fome que a devorava. Após a colheita de uma porção que achou suficiente, sentou-se debaixo de uma sobreira a saborear o perfumado fruto. Estava uma tarde tão agradavel! Os passaritos saltitavam alegremente e os seus cantos suaves deliciavam os ouvidos da pastorinha que, daí a momentos, embalada por aquele gorgear mavioso, partia para o país dos sonhos. Quando acordou, já o sol mergulhava no ocidente e a passarada recolhia, silenciosa, aos seus pousos prediletos.

Apesar de acordada, Micaela conservou os olhos fechados: sentia-se tão bem assim!... De repente, mesmo junto ao seu ouvido, uma voz trocista, gritou-lhe:

—Acorda, linda pastorinha! Não sabes então que:—«Quem dorme roubam-lhe a fazenda?»

E, a estas palavras, seguiu-se uma gargalhada de escarneo muito prolongada. Micaela, completamente disperta, ergueu-se de um salto, e, alvoroçada, correu para junto do rebanho, mas logo socegou ao ver que as ovelhinhas continuavam pastando tranquilamente. Então, o que significavam as palavras que ouvira? E a pastorinha, desconfiada, olhava para todos os lados, mas não via viv'alma. Concerteza fora tudo sonho que a assustára sem razão.

Rindo-se dos seus receios infundados, Micaela pôz-se no meio do rebanho e bateu as palmas. Como por encanto, as ovelhas deixaram os pastos e puzeram-se todas em fila diante da pastorinha, prontas a ser contadas.

Assim acontecia todos os dias: antes de juntar o rebanho, a pastorinha contava-as sempre, pois elas eram tantas, (quinhentas), que Micaela receava perder alguma. Demais a mais não tinha um cão que a ajudasse a guardá-las!... Principiou a tarefa. A ultima era o numero 499. Julgando ter-se enganado, voltou novamente ao principio. Por fim, depois de haver recomeçado a contagem quatro vezes, constatou, cheia de aflição, que lhe faltava uma ovelha. E era a mais gorda do rebanho, a melhor de todas. Micaela, agora, não se atrevia a aparecer em casa, o patrão, com certeza, daria cabo dela. Lembrava-se que êle, um dia, lhe havia recomendado:

—Toma bem conta no rebanho, principalmente na «Branquita», que, como sabeis, é a ovelha mais gorda, e que dá mais lã de que todas as outras juntas. Se a perderes, dar-te-hei tamanha sova, até que caias morta.

Sucumbida, Micaela deixou-se cair sobre a relva e as ovelhinhas como percebendo o desgosto da sua gentil guardadora, deitaram-se à sua volta, soltando tristes balidos. Cheia de desespero a pastorinha cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar convulsivamente. As lagrimas, passando-lhe por entre os dedos caíam-lhe no regaço, lembrando pequeninos brilhantes. Precisando do lenço, Micaela destapou o rôsto e quando se preparava para o tirar do bolso do avental, estacou maravilhada vendo no colo sete bolinhas de ouro scintilantes. As lagrimas secaram-se-lhe como por encanto e esquecendo o seu desgosto, pegou nas bolinhas de ouro e principiou a brincar com elas. Súbito, uma linda pombinha branca, pousou-se-lhe no ombro e deixou cair no regaço qualquer coisa que levava no biquito côr de rosa. Em seguida, levantou as azas e foi pousar-se num ramo de uma oliveira. Intrigada Micaela pegou no objecto que era nem mais nem menos uma avelã de prata. A pastorinha mirou-a por todos os lados e descobrindo que um fechinho de brilhantes ligava as duas partes, puchou-o, mas logo em seguida soltou um grito de espanto ao ver que de dentro da avelã saía um engraçado homenzinho, possuidor de uma soberba barba negra, que lhe chegava aos pés. Na mão direita trazia um miscrocopico relogio.

O homenzinho fez uma graciosa reverencia à pastorinha, dizendo:

—Micaela, as tuas lágrimas comoveram-me. Como tens sido sempre caridosa e boa e tens sofrido com a maior resignação todos os tormentos por que passas, venho em teu auxilio. Sou o Genio do Bem, o protector de todos aqueles que praticam o bem e odeiam o mal. Sei onde se encontra a ovelhinha desaparecida. Foi roubada pelo Genio do Mal que a levou para o seu antro, onde sem o meu auxílio ninguem lá pode chegar. Como és boa, vou indicar-te a maneira de lá ir. Ouve com atenção. Terás de percorrer sete castelos, em cada um dos quais encontrarás os maiores perigos e tentações. Se resistires a todas elas e conservares o sangue frio perante os perigos, encontrarás a ovelhinha e juntamente a tua felicidade. Mas se caires numa que seja,

(Continua na página).

O FLIC

POR

OLAVO EÇA LEAL

ILUSTRAÇÕES DO AUTOR

SABEM quem era o Flic?

O Flic era um soldado raso!

Em tempos o Flic tinha sido um insignificante soldado de chumbo, e essa recordação era uma deshonra para o Flic.

O Flic tinha pretensões a subir de posto; queria ser sargento pelo menos, mas havia sempre aquela mancha negra na vida do pobre Flic.

Tinha sido soldado de chumbo!...

Não sei se sabem que o facto de ter sido soldado de chumbo e querer ser sargento de carne e osso, é tão complicado como um antigo carvoeiro que quizesse ser marquez.

De modo que o Flic chorava dia e noite, porque não podia de maneira nenhuma ser sargento. Um dia estava a chorar a sua pouca sorte, quando ouviu uma voz pronunciar o seu nome... Voltou-se e viu que era uma casca de banana que começou logo a explicar-lhe um processo infalível para êle «nunca ter sido soldado de chumbo».

—O melhor,—dizia a Casca de Banana: — é tu voltares atraz na tua vida, até chegares ao momento em que queriam fazer de ti um soldado de chumbo.

— Mas como hei-de eu fazer isso? preguntou Flic, admiradíssimo. — Muito simplesmente: — disse logo a Casca de Banana. — Não tens mais que tornar a fazer tudo o que tens feito até aqui, mas sempre a andar para traz.

— Mas isso é uma coisa tão difícil, minha rica casquinha de banana! — E o Flic, ao dizer isto, preparava-se para chorar com mais desespero do que nunca...

Mas a Casca de Banana, embora velha e meia apodrecida, arrastou-se como poude até ao Flic e, trepando-lhe pelas pernas, consolou-o, dizendo-lhe que podia acreditar no que ela dizia, porque era a pura da verdade.

— Faz o que eu te digo, — repetia a Casca. — Vê lá se consegues voltar para traz, que eu depois te direi o que hás-de fazer.

O nosso amigo Flic, depois de ter reflectido durante duas horas e meia, porque sempre foi muito indeciso, acabou por concordar que não perdia nada em fazer o que lhe dizia a Casca de Banana. E vae daí, o Flic começa a desandar, a desfazer com tal rapidez tudo o que tinha feito até alí, que conseguiu, em menos de quatro anos, desfazer o que fizera em mais de cinco!...

Eu não sei se os meus amiguinhos percebem como é que o Flic conseguiu fazer uma coisa tão complicada como esta! Mas não faz mal, porque eu também não percebi, e então ficamos quites! Devemos atribuir êste caso extraordinário às artes misteriosas da Casca de Banana, que, segundo parece, sabia muito de bruxedos...

O que é facto, é que o Flic tanto desandou, que se viu um belo dia na fábrica de soldados de chumbo que o tinha fabricado em tempos.

Agora é que era preciso mostrar a sua habilidade e a sua esperteza!...

Começou a olhar em volta, porque já se não lembrava como aquilo era, e reparou que o operário deitava chumbo derretido nos moldes de ferro, donde tirava, pouco depois, uma série de soldadinhos muito bem feitos, que mandava em cestos para a secção de pintura. Ele, então, foi muito surrateiro atraz dos cestos, e verificou que o operário pintor separava as figurinhas de chumbo em dois montes: um mais pequeno e o outro muito maior.

Foi logo a correr preguntar à Casca de Banana, que andava perto: para que é que o operário separava os soldados de chumbo em dois montes desiguais. A Casca de Banana, que sabia de tudo, explicou logo que no monte mais pequeno estavam os generais, e no maior eram os soldados rasos, que não deviam levar, como os outros, um galão dourado e um chapeu vermelho. Ora se Flic fôsse esperto, faria o possível para se meter no monte mais pequeno, para ser general!

O Flic não compreendeu logo à primeira que diferença social poderia haver entre um general de chumbo e um soldado também de chumbo. Mas a Casca de Banana explicou-lhe ainda e com toda a paciência, que se êle conseguisse ser general de chumbo, poderia mais tarde vir a ser sargento de carne e ôsso!

Nesta altura o Flic percebeu tudo! E tornando a desandar mais uns minutos atraz, viu-se novamente tal qual como noutros tempos, transformado em chumbo derretido e espa-

lhado dentro da panelinha do operário que fazia soldados. E, pouco a pouco, o operário foi enchendo os moldes, um a um... Súbitamente, o homem distraiu-se e despejou fóra do molde uma porção de chumbo derretido que foi cair no sobrado, onde se achatou como uma folha de papel...

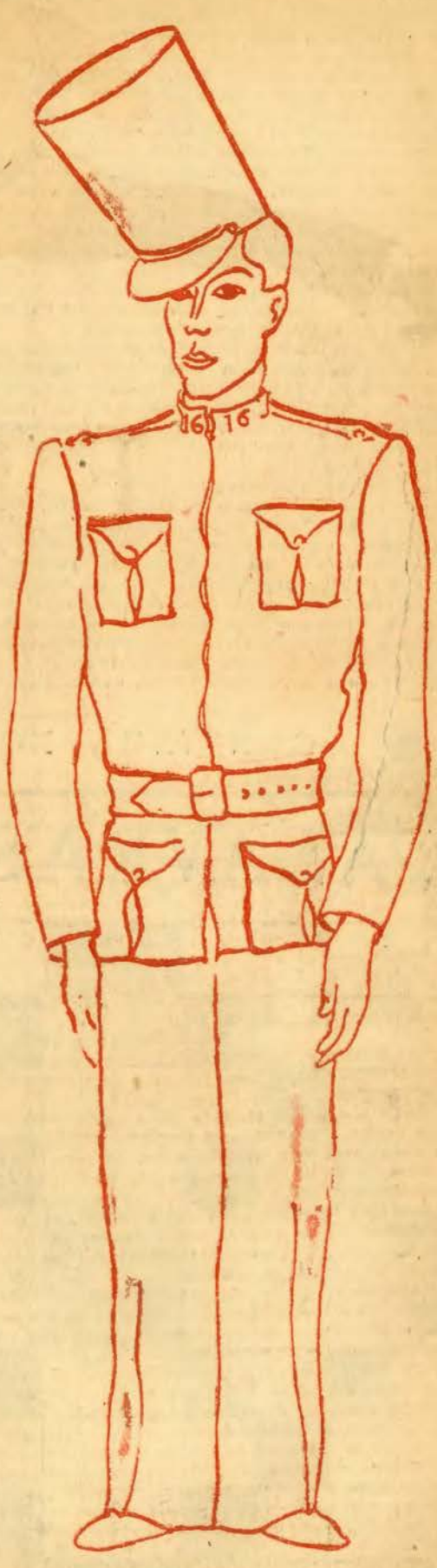
Era justamente o Flic que ia a sair nêsse momento e foi vítima do desastre! Quando o Flic acabava de arrefecer, horrívelmente deformado, ouviu-se uma gargalhada sinístra...

Era a Casca de Banana, o próprio demónio disfarçado, que se tinha servido daquele meio para tentar o Flic com o orgulho e a ambição de vir um dia a ser sargento de carne e osso!

Se o Flic fosse modesto, se o Flic não fosse ambicioso, ainda hoje o Flic viveria contente e feliz, na sua modesta caserna.

Agora, o Flic, para sempre inutilisado, arrasta-se pelo chão da fábrica, humilhado no seu amor próprio, pisado por todos, e chorando baixinho (tão baixinho que ninguém ouve senão as formigas) a saudade dos dias de sol que gosava à porta do quartel, os passeios que dava a Algés com a namorada, e emfim, toda a sua felicidade perdida...

FIM



Colaboração Infantil

N.º 1 — Formar o nome de 13 nações do mundo; com os seguintes pontos:

H . . . . . .
. . . . o
. r . . . .
. . . . a . . .
d . . . . . .
. . . . . o .
. r . . . . . .
. . . . . e . . .
c . . . . . .
. r . . . .
. . . . e
. . . . i . .
. o . . . . . .

Antonio Mendes Nunes
17 anos de idade

estás perdida irremediavelmente, pois ficas para sempre em poder do Genio do Mal. Transformei as tuas lágrimas em sete bolinhas de ouro que te auxiliarão muito. São elas que te vão indicar o caminho para os castelos, da seguinte maneira: quando quizeres partir para algum castelo, põe a bolinha no chão dizendo estas palavras: «Bolinha de ouro tão lisinha e redondinha, leva-me depressa ao primeiro castelo» e assim vais deitando todas as bolinhas até chegares ao sétimo e último castelo. Irás sempre pelo caminho que elas te indicarem, mesmo por sitios que te pareçam impossivel passar, segue-as sem receio, porque chegarás a bom porto. Desconfia de tudo que encontrares nos sete castelos, porque são ciladas armadas pelo Genio do Mal para te perder. Quando te vires muito aflicta, pega na bolinha de ouro correspondente ao castelo onde te guiou e que deves guardar ao chegar ao teu destino, segura-a nas pontas dos dedos e pronuncia as seguintes palavras:

—Socorre-me, Genio do Bem. Vale-me nesta aflicção!... Porem, só chamarás por mim se vires que é impossivel livrar-te de outra qualquer forma. Sentes-te com coragem, Micaela, de arrostar tão grandes perigos? Se tens receio de não poder resistir ao Genio do Mal, dize-o com franqueza. Serão talvez demasiadas para as tuas forças, as provações que terás de passar.

A pastorinha não hesitou na resposta:

— Genio do Bem, com o teu auxilio saberei resistir a todos os perigos e tentações que encontrar nos castelos, e por isso hoje mesmo partirei.

— Então sê feliz, querida Micaela. E' verdade, uma ultima e importante recomendação: só podes estar sete minutos em cada castelo. Trouxe-te este relogio por onde te guiarás. Se estiveres mais um minuto que seja ficas prisioneira para sempre no Castelo. Agora torna-me a meter na avelã e prende as duas partes com o fechinho.

Micaela assim fez. Então a pomba, que até ali estivera com a cabecita escondida debaixo de uma das azas, saltou para cima da pastorinha, agarrou com o bico na avelã e depois, levantando vôo, desapareceu no horisonte.

* * *

Micaela pôs logo no chão a primeira bolinha de ouro e pronunciou as palavras que lhe ensinára o Genio do Bem:

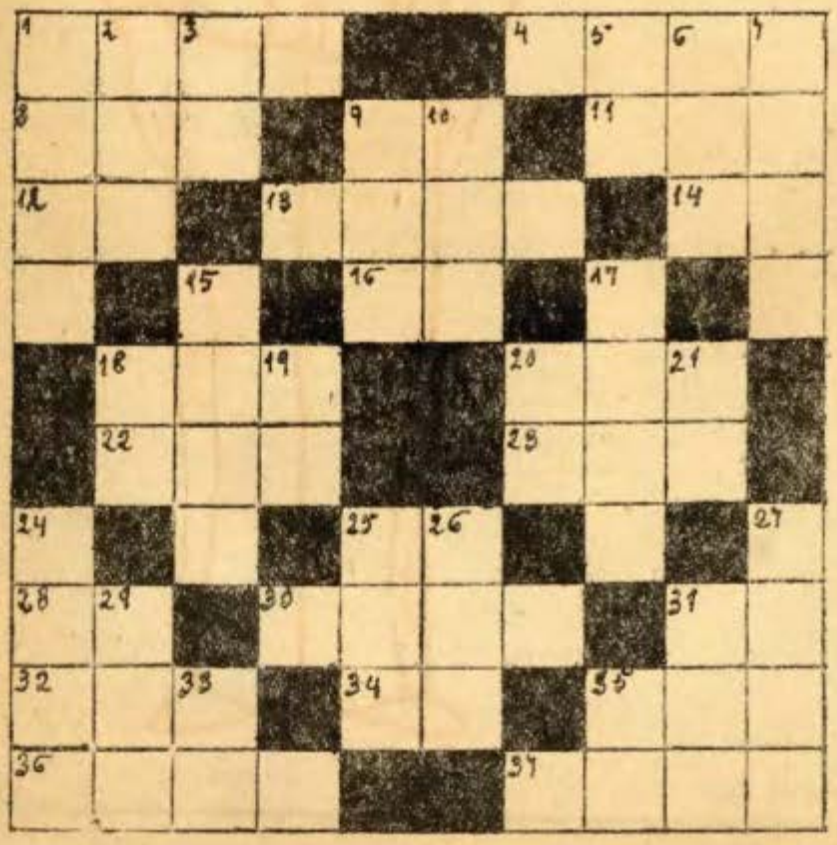
—«Bolinha de ouro, tão lisinha e redondinha, leva-me depressa ao primeiro Castelo.»

Imediatamente a bolinha principiou a rebolar pela relva e Micaela seguiu-a alegremente. Se a bolinha de ouro percebia que a pastorinha estava fatigada, parava, e então Micaela sentava-se no chão a descançar. Depois de muito caminhar chegaram em frente de um grande rio. A bolinha de ouro, como se fosse a coisa mais natural do mundo, meteu-se dentro da agua, rebolando-se na superficie tal qual como se fosse sobre a terra. Micaela hesitou; porem, lembrando-se das recomendações do Genio do Bem, atirou-se corajosamente à agua, mas mal tocou nela, o rio desapareceu e a pastorinha achou-se de novo em terra firme. Muito contente, desatou a correr atraz do seu guia que rolava vertiginosamente. Só parou em frente do castelo. A bolinha de ouro, cuja missão acabara, saltou rapidamente para a algibeira do avental de Micaela e misturou-se com as suas irmãs. O castelo era todo construido de ferro negro como o carvão; Micaela, cujo coração batia um pouco mais apressado, transpoz o enorme portão de ferro e estacou apavorada ao ver dois enormes leões de carne e osso guardando a escadaria que dava acesso a todas as dependencias do castelo. Mal deram com os olhos nela, os terriveis animais soltaram horriveis rugidos ameaçadores. Micaela pensou em fugir, mas uma voz muito parecida com a do Genio do Bem murmurou-lhe ao ouvido:

—«Não mostres medo, Micaela; caminha sempre para a frente sem receio, que nenhum mal te sucederá.»

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

PALAVRAS CRUZADAS



RESENHA DO PROBLEMA

HORISONTAIS

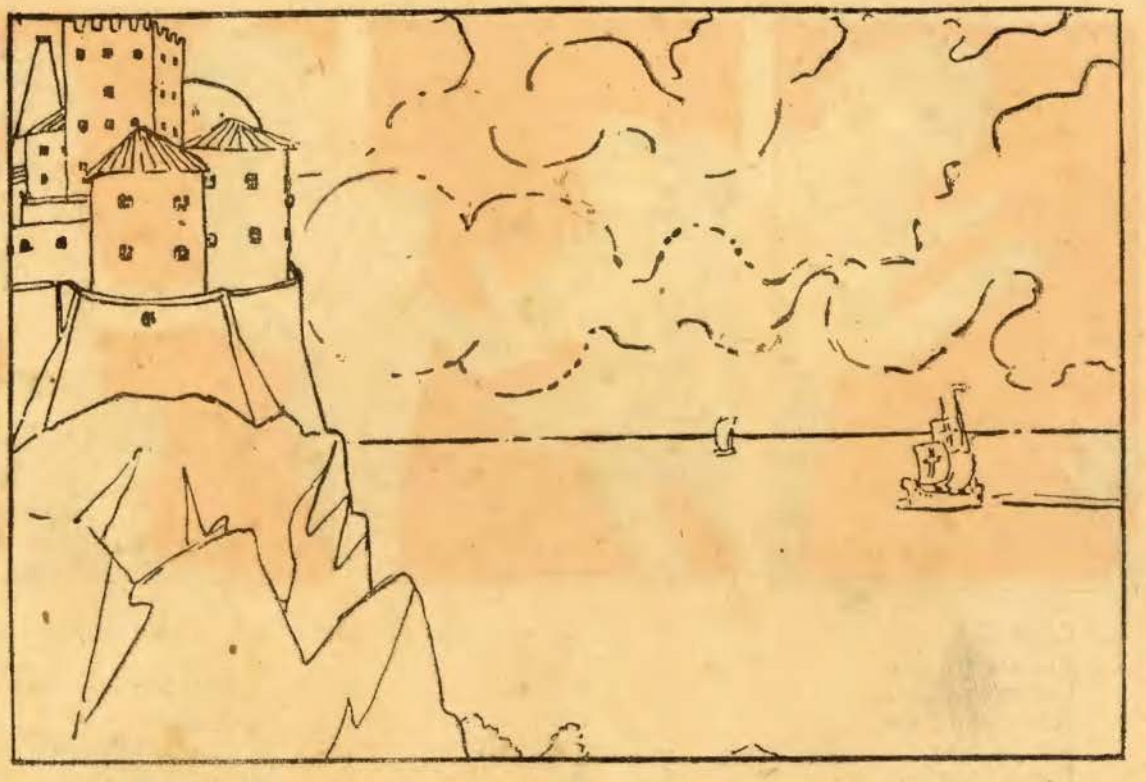
1 — fim. 4 — trabalho. 8 — parente. 9 — sim. 11 — boi. 12 — pégada. 13 — pinta. 14 — sua. 16 — a. 18 — dá. 20 — procedi. 22 — lá. 23 — astro. 25 — nota de musica. 28 — carta de jogar. 30 — ave de capoeira. 31 — com. 32 — ente. 34 — não. 35 — entregai. 36 — estimei. 37 — emudeço.

VERTICAIS

1 — opa. 2 — pombo. 3 — bom. 5 — andar. 6 — dêsde. 7 — infelicidade. 9 — nota de música. 10 — indignação. 15 — ave. 17 — a melhor bebida. 18 — oferece. 19 — interjeição de dôr. 20 — mais. 21 — caminhava. 24 — prédio. 25 pêlo do carneiro. 29 — preposição que indica ausência, etc. 33 — criminosa. 35 — entrega.

HORA DE RECREIO

PARA OS MENINOS COLORIREM



PARA COLORIR

COELHINHO VAI PARA A ESCOLA

ADIVINHA

Meus meninos:

Este rei está planeando uma grande guerra contra um rei vizinho.

Vejam se descobrem o terrivel adversário.

CAGAROLINHAS

Cagarolinha
Era um menino
Chamado Chico,
Que medo tinha
Até do bico
Duma galinha.

Todos que o viam,
Logo se riam
Por mangação
E lhe diziam:
— Cagarolinha...,
Cagarolão!

Mas, ai, um dia,
Já afinado,
Cagarolinha,
Cagarolão,
Deu grande brado
Na povoação!

Pois foi ousado,
Foi valentão!
E, com maus modos,
Correu com todos
De lado a lado
Ao bofetão.

Vendo-os fugir,
Dar aos tacões,
Gritava a rir
Para as visinhas:
— Cagarolões,
Cagarolinhas!